

A PROBLEMÁTICA DA ESCOLA DE PARANAGUAÇU

Denise de Araujo do Vale ¹
Silvana Cassia Hoeller ²

RESUMO

Paranaguaçu é um distrito do município de Boa Esperança onde existe uma escola destinada a atender a população daquela comunidade. A escola é pequena e possui poucos alunos e os pais vivem com receio quanto ao fechamento da escola. A população em questão é muito carente e muitos dos responsáveis são semi-analfabetos, o que é um dado preocupante, tendo em vista a expectativa e a perspectiva educacional das crianças, pois as mesmas nem sempre tem o acompanhamento e a ajuda da família, tendo então de buscar em outras pessoas ajuda para as tarefas e trabalhos. Porém é necessário que se diga que apesar de não possuírem “estudos” os pais e responsáveis possuem muitos conhecimentos práticos de situações que são comentadas em sala de aula, e esta experiência que é trocada entre eles é o que constitui a integração teoria – prática. As experiências de vida somadas ao conhecimento teórico são à base da educação do campo.

Palavras – chave: Educação; Educação do Campo; Paranaguaçu;

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho será abordada a atual situação da escola de Paranaguaçu, e para que fique mais fácil a compreensão da problemática do colégio, se faz necessário um pouco da história do mesmo.

Os receios dos pais com a situação do colégio e problemas educacionais são corriqueiros no dia a dia daqueles que trabalham em unidades educacionais, seja públicas ou particulares, rurais ou urbanas. Mas é necessário que se deixe claro que algumas regiões enfrentam maiores dificuldades que outras, no entanto, todas têm o

¹ Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Goioere, e-mail: falakdenise@hotmail.com.

² Educadora Orientadora, UFPR Litoral.

apoio, respaldo e também autonomia, dentro do permitido logicamente, das secretarias de educação municipais e estaduais para a solução imediata ou quando e se necessário levar aos órgãos competentes os problemas enfrentados objetivando uma resposta rápida e clara acerca do ocorrido.

E especificamente esta escola é um caso interessante, pois apesar de estar localizada em uma zona rural, não é considerada escola do campo, ou seja, consta como urbana.

Por isso talvez alguns pais se preocupem imensamente com o futuro da escola no distrito, pois, ela não funciona o dia todo e tem poucos alunos.

É necessário lembrar que independente de ser considerada ou não, uma escola do campo, necessita de políticas voltadas à condição “rural” dos moradores.

“... não há escolas do campo num campo sem perspectivas, com o povo sem horizontes e buscando sair dele. Por outro lado, também não há como implementar um projeto popular de desenvolvimento do campo sem um projeto de educação, e sem expandir radicalmente a escolarização para todos os povos do campo.” Caldart (2000, p. 62)

2 A ESCOLA

A escola localiza-se no Distrito de Paranaguáçu, na zona rural, aproximadamente a 60 quilômetros do Núcleo Regional de Ensino de Goioerê, e aproximadamente a 14 km da sede do Município de Boa Esperança.

Escola Estadual de Paranaguáçu – Ensino Fundamental teve início em 1978, acolhendo o desmembramento do Ginásio Estadual Gonçalves Dias de Boa Esperança, iniciando com 5ª série, na qual foi gradativa até chegar a 8ª série.

Em 1984, passou a denominar-se Escola Estadual de Paranaguáçu – Ensino de 1º Grau, com as quatro turmas já existentes.

Em 1998, com as mudanças efetuadas na área de Ensino, conforme, Resolução Secretarial nº 3120/98 – DOE de 11/09/98, passou a denominar-se Escola Estadual de Paranaguáçu – Ensino Fundamental.

A referida escola é estadual, portanto sua entidade mantenedora é o Governo do Estado do Paraná. Ela funciona somente no período da tarde e oferece o ensino de 5ª a 8ª série. As aulas iniciam às 12hrs40 min e prosseguem até às 17hrs00min.

Possuem quatro salas de aula bem amplas, uma biblioteca, uma sala para secretaria, sala para professores, sala de direção, um almoxarifado, banheiro para professores, banheiro feminino com quatro repartições, banheiro masculino com três repartições, possui uma ampla área de lazer para os alunos, cozinha com refeitório.

No ano de 2006 a escola conseguiu verbas para melhorar sua estrutura física: seu prédio que já era de alvenaria foi reformado, assim como piso, telhado, pinturas e ampliação das instalações e construções de novas salas para os laboratórios de Informática e Ciências.

O quadro funcional da escola é composto por:

- Diretor;
- Secretária;
- Pedagoga;
- Dois professores de Língua Portuguesa;
- Três professores de Educação Artística (sendo que dois destes também são professores de Língua Portuguesa);

- Um professor de Matemática;
- Um professor de Educação Física;
- Um professor de Ciências;
- Um professor de Geografia;
- Dois professores de História (sendo que um deste é também professor de Geografia);
- Um professor de Ensino Religioso;
- Um professor de LEM – Inglês;
- Uma auxiliar de serviços gerais.

Quanto ao número de alunos são 54 alunos distribuídos da seguinte maneira:

- 5ª Série: 13 alunos;
- 6ª Série: 15 alunos;
- 7ª Série: 13 alunos;
- 8ª Série: 13 alunos.

A escola foi inicialmente “registrada” como escola do campo, hoje já não possui mais essa denominação, é tratada como uma escola que esteja dentro no município sede, porém as dificuldades encontradas e o tipo de assistência que os profissionais prestam podem ser comparados sim a das professoras das escolas da zona rural, onde você tem de estar preparada para ser, além da professora, mãe, pai, amiga, psicóloga, enfim, um pouco de tudo.

Conversando com os profissionais que atuam na escola pude observar muito claramente os objetivos

- Propiciar à comunidade um ensino de qualidade, com uma diversidade de oportunidades, tangente ao conhecimento sistemático, visando à

elevação cultural, instrumento básico para efetivo exercício da cidadania, norteado por valores morais e éticos;

- Promover o desenvolvimento de capacidades cognitivas, operativas e sociais dos alunos, por meio dos conteúdos escolares;
- Promover as condições para fortalecimento da individualidade e da identidade cultural dos alunos, incluindo o desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade, da imaginação;
- Preparar para o trabalho e para a sociedade, implicando preparação tecnológica (saber tomar decisões, fazer análises, interpretar informações de toda natureza, ter atitude de pesquisa, saber trabalhar junto, etc.);
- Formar para a cidadania crítica, isto é, formar um cidadão trabalhador capaz de interferir criticamente na realidade para transformá-la e não apenas formar para integrar o mercado de trabalho.

Todos esses objetivos tem sido na medida do possível atingidos, alguns em maior escala, outros trabalhados mais exaustivamente pelos professores, porém segundo a equipe pedagógica da própria escola, o resultado tem sido muito gratificante. A cada ano é menor o índice de evazão escolar.

3 A PROBLEMÁTICA DA ESCOLA

Para o desenvolvimento deste trabalho pretendia fazer um trabalho de campo com questionários para que profissionais que lá trabalham, alunos e pais ou responsáveis que estão envolvidos com a referida escola pudessem expor suas opiniões, medos, expectativas e perspectivas, porém ficou claro logo nos primeiros contatos que isso não seria muito viável.

Iniciei então os contatos com o objetivo de me aproximar das pessoas da comunidade escolar para que elas sentissem confiança em responder o que lhes fosse perguntado com a segurança de não terem seus nomes divulgados, mas para minha surpresa comecei a descobrir outros problemas que se não tem relação direta com a escola, tem com a perspectiva de futuro daquela comunidade.

E o tema da problemática se revelou como sendo pano de fundo para outras questões de similar importância, pois não existe um problema, mas sim alguns problemas que afetam toda a comunidade direta e indiretamente.

Poderia sim fazer um questionário, mas a maioria dos pais não iria respondê-lo, não que não quisessem ou não se interessavam, mas sim por serem, na grande maioria, semi-analfabetos, o que dificultaria a execução da maneira que havia previsto, onde eles se sentissem totalmente à vontade e seguros da preservação de suas identidades.

Nesse primeiro contato alguns pontos ficaram muito bem definidos, outros foram se desenhando posteriormente.

As maiores dificuldades que foram citadas foram:

- Manter o interesse dos alunos;
- A falta de perspectiva de alguns alunos quanto ao futuro educacional;
- A falta de comprometimento para com a escola;
- Ser além de professores, família;
- Incentivar os pais a participarem mais, a se envolverem no cotidiano escolar de seus filhos;
- Receio de um possível fechamento da escola;
- A não existência de um programa de ensino para adultos;

- A falta de interesse de alguns adultos em estudar.

Esses “problemas” foram trazidos a mim tanto por funcionários quanto pelos pais e alunos da escola.

Analisando o contexto da comunidade escolar de Paranaguáçu, a maioria dos alunos, pertence às famílias oriundas do interior do Paraná e de Estados vizinhos.

As pessoas que chegavam à Boa Esperança sem uma profissão definida e com baixo poder sócio-econômico vinham em busca de uma vida melhor e não encontrando condições favoráveis; instalavam-se nos distritos, como o caso de Paranaguáçu, onde não encontram mínimas condições de estrutura básica.

Hoje a realidade é outra, muitas famílias e jovens fazem o caminho contrário buscando trabalhos temporários em outras cidades, fixando-se nelas.

Um grande percentual de pais dos alunos da escola tira sua sobrevivência de subempregos ou atividades de baixa remuneração, quando não passam longo tempo desempregado. Enquanto isso, boa parte sobrevive com bolsa família, participando pouquíssimo da vida escolar de seus filhos.

Segundo o que foi relato, os alunos chegam à escola com algumas dificuldades quanto à “sistematização” do conhecimento, ou seja ao modo como os conteúdos são apresentados e trabalhados, mas trazendo experiências pessoais.

Diante desta situação, a escola cabe o papel de terminar de fazer o trabalho de “instrumentalização” do conhecimento elaborado, elevando a cultura para o pleno desenvolvimento do exercício da cidadania.

Com base em dados estatísticos coletados com a equipe pedagógica, foi observado que a maior dificuldade dos educandos está nas disciplinas de LEM – Inglês, Língua Portuguesa e Matemática, apesar de que nas outras disciplinas também foi constatada média abaixo de 6,0.

Sendo os fatores principais que favoreceram para que os alunos obtivessem baixo rendimento no ensino-aprendizagem:

- Desmotivação,
- Dificuldade financeira,
- Falta de perspectiva de um futuro mais promissor,
- Falta de acompanhamento por parte dos pais ou responsáveis, no que tange a dar incentivo para que os alunos sintam a necessidade pessoal de melhorar e por consequência, acabam apresentando dificuldades de raciocínio lógico e problemas de alfabetização.

Para tentar estar mais próximo do cotidiano sem perder o foco do conteúdo que deve ser trabalhado, é realizado um planejamento semestral com a realimentação semanal durante as permanências. Nestes encontros, além do planejamento, atende-se às necessidades específicas por turma e áreas, incluindo toda espécie de atendimento pedagógico.

Esse esforço resulta em um ensino mais próximo da necessidade dos alunos e de acordo com a grade curricular e que consegue manter o interesse dos alunos, pois eles têm a possibilidade de expor seus pontos de vista com base em experiências próprias e os professores usam isto como ponto de discussão fazendo uma comparação com os conhecimentos teóricos e práticos.

A equipe pedagógica trabalha em conjunto, procurando atender da melhor forma, às necessidades detectadas pelos professores, através de atendimento aos pais e alunos, encaminhando-os para diversos setores especializados (que conta com o apoio de profissionais do município), a fim de sanar as dificuldades apresentadas pelos alunos.

Observando os problemas e/ou dificuldades apontados pela equipe pedagógica, pelos pais e alunos pudemos perceber que na grande maioria são iguais, só mudam as palavras usadas para expressá-los, mostrando que apesar das dificuldades encontradas, existe uma “sintonia” entre a escola e a comunidade.

Sendo assim vamos ver estes tópicos com um pouco mais de atenção

3.1 Manter o Interesse dos Alunos/ Motivação

É um desafio, pois como hoje existe muita disponibilidade de informações alguns alunos não se interessam muito pelo conteúdo que é trabalhado em sala e querem sempre algo mais e,este “algo mais” nem sempre tem relação com a matéria ou constam do plano de aula dos professores,portanto os professores procuram estar sempre o mais atualizado para propor discussões com os alunos sobre temas e fatos atuais.

Tendo em vista que alguns alunos têm mais acesso que outros as informações, há de se ter um cuidado para que os que não tem tantas possibilidades não se sintam excluídos e os demais desinteressados, pois julgam já saber sobre o tema ou conteúdo que está ou estará sendo trabalhado.

3.2 A Falta de Perspectiva de Alguns Alunos e Pais Quanto ao Futuro Educacional (e Profissional)

Uma pergunta comum pode revelar o quanto os alunos, independentemente da idade, almejam fazer uma faculdade e mas também pode revelar dados preocupantes.

Lógico que a grande maioria deseja cursar um curso universitário, “para dar uma vida melhor pra minha família” dizem, mas uma resposta entre tantas provocou um pensamento e trouxe a tona outra questão: Como manter o incentivo do aluno a ingressar em uma universidade quando ninguém de sua família a cursou?

Levando essa questão a outros alunos ficou explícita a vontade de “fazer uma faculdade”, mas também a preocupação e até certo conformismo caso isso não ocorra afinal “meu pai e minha mãe não fizeram faculdade, mas têm trabalho e cuidam da gente”, ou seja, a visão se mantém restrita desde cedo e que tipo de profissionais formamos, enquanto educadores, se a necessidade muitas vezes corta o caminho dos sonhos e desejos?

Essa preocupação não se reflete somente na escola em questão, mas em todas as escolas, porém nas escolas do campo essa preocupação e os cuidados em direcionar os alunos para não desistir e batalhar por seus desejos por mais distantes e/ou difíceis que sejam é imprescindível.

Os professores estão preocupados em transmitir o conhecimento de suas disciplinas com linguagens diferentes, dando vários rumos à prática pedagógica, mas também devem estar prontos para ouvir e ajudar seus alunos, passando-lhes confiança, tranquilidade e esperança.

Tanto a equipe pedagógica quanto os demais funcionários trabalham com a idéia de transformar. Transformar expectativas, sonhos, projetos em algo concreto e possível na vida de cada aluno, onde consigam caminhar e abrir portas e quando por ventura essas portas não se abrirem, que saibam reconhecer onde pode haver novas oportunidades e não desistir diante dos obstáculos, pois isso é que faz a grande diferença, nunca desistir.

3.3 A Falta de Comprometimento

Nesse ponto os profissionais foram incisivos em dizer que os pais (claro que não todos, mas a maioria) ficam alheios ao desenvolvimento dos filhos, só aparecem pras reuniões de pais ou quando por algum outro motivo são convocados.

Muitos não vêem perspectivas pra si e não tem muita condição de apoiar o crescimento dos filhos, pois muitos acham que não se deve sonhar com algo que não conseguirá. E aí entra o trabalho dos professores: levar esses alunos a não deixar de acreditar, qualificá-los, os fazer pensar e analisar quais “ferramentas” serão necessárias para construir a realidade apartir do sonho.

3.4 A Não Existência de um Programa de Ensino para Adultos

“Eu queria ajudar meu filho a fazer as tarefas e trabalhos, mas como eu vou fazer se eu num estudei? Então acabo brigando com ele quando pede pra ajudar ou diz que num consegue, falo que ele tem que saber tá indo pra escola pra aprender. Eu num vou falar pra ele que num sei. Tenho vergonha.” (Mãe de aluno de 5ª série)

Diante dessa declaração comecei a perguntar para alguns outros pais se eles

gostariam de estudar para poder ajudar os filhos, alguns diziam que sim, afinal gostariam de participar mais da vida dos filhos, outros disseram que sim, porém como trabalham o dia todo, não teriam condições porque estariam cansados, outros foram categoricos em dizer não, porque já passaram da idade, outros disseram não por achar que não precisam estudar, recebem apoio de programas do governo e pra isso não tem de ser “estudado”.

Então entrou em cena um novo tópico de discussão: Haveria um número de adultos suficiente para abrir uma turma e que justificasse o funcionamento da escola em outro horário?

Infelizmente acho que não, a minoria gostaria retomar os estudos e alguns gostariam de aprender a ler e escrever, mas a rotina de ir até a escola foi algo que nem todos gostaram de imaginar.

E tomando por base o baixo número de alunos, o de pais seria ainda menor.

3.5 Dificuldade Financeira

Devido à população de o distrito ser formada por pessoas de outros estados que vieram em busca de trabalho e nem todos conseguiram, a condição financeira destas famílias é precária.

Então voltamos a questionar a qualificação destas pessoas reforçando a necessidade e a importância vital da educação na vida pessoal e profissional. Como não possuem qualificação têm muitas dificuldades em arrumar trabalho e quando conseguem, são subempregos que pagam muito mal e o salário não dá pra alimentar a família toda.

E isso afeta diretamente o rendimento dos alunos, quando os professores vão dar algum trabalho, existe uma preocupação e um cuidado quanto ao tipo do trabalho, pois se sabe que se for algo que exige um gasto dos alunos talvez o trabalho não seja realizado por alguns como seria o esperado, por isso na maioria os trabalhos são em grupo, tanto para aprenderem a trabalhar em grupo quanto para diminuir gastos.

3.6 Receio de um possível fechamento da escola

Este é um grande medo que as famílias externaram. A maior preocupação é em relação ao baixo número de alunos.

Sabe-se que o fechamento de uma escola não é uma decisão tomada em qualquer de repente, mas para as famílias que dependem da escola para educar seus filhos é um risco que eles têm em mente.

Esse medo se instalou em alguns em função de boatos que davam conta de que se não tivesse um número X de turmas e alunos a escola poderia ser fechada, e como diz o ditado quem conta um conto sempre aumenta um ponto, esse boato chegou a tirar o sono de alguns que até pensaram em transferir ou tirar os filhos da escola, mas depois de conversas ficou esclarecido o boato e esse receio diminuiu, mas não acabou.

3.7 Ser além de professores, família;

Como já foi dito anteriormente, diante de tantas dificuldades financeiras, falta de apoio e incentivo por parte dos familiares, a desconfiança de ir estudar na “cidade” alguns alunos apresentam uma carência emotiva e precisam de alguém de confiança para conversar, e normalmente a pessoa a quem eles recorrem é o

professor, visto que é uma figura de autoridade e carinho que eles reconhecem com membro integrante da família.

E o professor acaba ouvindo, dando conselhos, explicando, passando confiança, ou seja, agindo como se fosse alguém da família, e isto aproxima mais os alunos do professor e também da matéria, ouvi um aluno comentar o seguinte quando perguntado sobre as matérias:

“Num gosto de matemática, mas o professor é tão legal que faz a gente aguentar à aula”

E na verdade é isso que acontece, escola pequena, localidade pequena, todos se conhecem, são praticamente os mesmos alunos durante 4 anos, então não há como não criar vínculos.

CONCLUSÃO

No início deste trabalho a idéia era procurar compreender porque a escola de Paranaguá, que atende a população rural nas imediações do município de Boa Esperança bem como do próprio distrito, não é considerada escola rural.

A explicação é que por se tratar de uma escola que está localizada dentro do distrito ela não é rural, ao passo que se estivesse em uma “comunidade” rural seria então considerada uma escola do campo. Essa diferenciação poderia causar muitas dificuldades, afinal não seria levada aos alunos uma política educacional que viesse de encontro aos anseios e necessidades da população, porém, é com grande esforço e principalmente percepção da realidade os funcionários da referida escola planejam e se preparam de maneira a atender ao conteúdo proposto pelo governo

mas também trabalhando e propondo atividades que propiciem aos alunos uma integração com a sua realidade, com a “lida no campo”.

Tanto se discute a necessidade do reconhecimento de políticas educacionais específicas e mesmo assim ainda ocorrem algumas diferenciações, porém com o esforço da equipe pedagógica essa distância entre escola e comunidade diminui.

Eis então que a problemática da escola de Paranaguá na verdade é manter os alunos e as famílias integradas a comunidade escolar. Fazendo a transição de adolescentes que estudam para passar de ano pra cidadãos. Perpetuando a ligação cidade e campo, onde a escola é o elo que une fortemente as duas “instituições”.

Quanto às dificuldades e desafios à equipe pedagógica que foram aqui relatadas vemos que se repetem também na cidade, porém o método de trabalhar as dificuldades e potencialidades é diferente, tendo em vista a ênfase e o cuidado que a escola presta aos alunos, compreendendo a importância de que o fato de ter faltado ou estar muito cansado ou até com dificuldades de aprendizagem são oriundos de terem trabalhado “na roça” com o pai, de chegar tarde a casa e ter de estudar a luz de velas a até mesmo de uma alimentação mais reduzida.

Refletindo sobre tudo o que foi visto e mostrado neste trabalho voltei no tempo e me vi na escola onde estudava, e como aquele ambiente e a professora me transmitiam segurança e importância de buscar algo mais, de sonhar e fazer acontecer, me preparar para as oportunidades que viriam e me reconheci em muitas daqueles adolescentes. E passei para eles a minha experiência e como os desafios e dificuldades existem não para nos impedir, mas sim para nos fazer crescer.

Esta viagem me remete a ARROYO quando diz “a educação só evolui quando cresce a consciência dos direitos políticos e sociais e é isso que está acontecendo

no campo. Por isso estamos num momento em que podemos pensar sim na construção de um sistema de educação para o campo.” E é verdade, a educação esta atrelada a outros setores e quando um cresce, a expectativa é de que o outro setor evolua para continuarem a caminhar juntos. E a educação do campo não foge a esta regra, deve lhe ser permitida a evolução tendo em vista políticas vividas e pensadas a esta realidade.

A escola possui excelentes profissionais, envolvidos e apaixonados pela tarefa de dar aulas, de ensinar. Isso somado a uma ótima estrutura física permite aos alunos alcançarem seus objetivos e superar as adversidades.

Todos esses elementos fazem com que a escola de Paranaguá, apesar de não ser considerada do campo, atue de maneira semelhante e com políticas que preservem a identidade dos povos do campo. Essa atitude dos profissionais mostra o amor e o respeito que têm pela profissão e principalmente pela arte de ensinar. E são elementos que farão a diferença na vida de muitos alunos e pais.

Claro que nem tudo acontece do modo como se planeja e todos sabem que estão longe de sanar todas as dificuldades aqui descritas e tantas outras que ocorrem dentro do ambiente escolar, mais a cada dia um passo é dado na construção de cidadãos e em direção a sabedoria.

REFERÊNCIAS

Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual de Paranaguá – Ensino Fundamental.

Extraído de <e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/download/433/348>
Acesso em 14/06/2011

CALDART, Roseli Salete. **Por Uma Educação do Campo: Traços de uma identidade em construção.** In. KOLLING, E. J.; CERIOLO, P. R.; CALDART, R. S. (orgs.). Educação do Campo: Identidades e Políticas Públicas. Brasília, DF: Articulação Nacional por Uma Educação do Campo (Coleção Por uma Educação Básica do campo, n. 4), 2002, pp. 25-36

ARROYO, M. Os Desafios de Construção de Políticas para a Educação do Campo. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Ensino Fundamental. **Educação do Campo: Cadernos Temáticos**, Curitiba: SEED, 2005.